

17 de outubro de 2001

A atenção volta-se, agora, para o livro *Lacan in contexts* de David Macey.

Coube à mestranda Suely Aires a apresentação do primeiro capítulo, *The Final State*. Neste, foi destacada inicialmente a amnésia que ao longo do tempo surgiu em torno da leitura da obra de Lacan, como um dos fatores responsáveis pela sua descontextualização.

Para Suely Aires, David Macey demonstrou ser um autor mais “sedimentado” do que outros críticos da teoria lacaniana, dando-nos uma visão de Lacan mais próxima do que, por exemplo, a de Jean-Claude Milner, em a *Obra Clara*, já discutida anteriormente em nossos seminários.

Ressaltou-se, durante a discussão, o perigo de confiar apenas no testemunho dos contemporâneos que, quase sempre, escrevem de forma cifrada, pois desconsideram o contexto em que a obra está inserida por fazerem parte do mesmo. Seria fundamental a reconstituição do contexto para poder apreender contra quem e quais os pontos questionados pelo autor no diálogo que trava com sua época. Enfatiza-se ainda que trabalhar o contexto não é ir buscar todas as referências externas, uma vez que é impossível esgotá-las, mas relacionar aquelas consideradas relevantes com o que é obtido por intermédio de uma rigorosa análise de texto. No caso de Lacan seria, por exemplo, acompanhar a influência que, por exemplo, a fenomenologia, a leitura de Kojève e os surrealistas exerceram em sua obra. Assim, um trabalho de exegese que inclua o contexto permite desfazer a aura mítica que se criou em torno de Lacan e que impedem seu entendimento e avaliação.

Destacou-se no texto alguns pontos essenciais em que Macey se apoiou para sugerir como foi criada esta leitura mítica de Lacan. O primeiro foi ter tomado sua obra como um bloco atemporal. Segundo, a idéia de que Lacan estava isolado e, por último, as apropriações que foram feitas por sua obra, sem as devidas citações.

Tomando os *Escritos* como exemplo, ressalta-se o quanto este livro foi lido de maneira equivocada, como formando um bloco atemporal, de modo a defender sua leitura homogênea e completa, como se os textos presentes formassem uma unidade. Lacan foi apresentado, segundo Macey, fora de seu contexto temporal, levando, de certa forma, a um movimento de rejeição ou adesão à sua obra, sem que se entendessem as questões presentes.

O debate enveredou para uma série de exemplos, todos demonstrando a necessidade de se desfazer de todos os equívocos interpretativos da maioria de seus biógrafos e críticos para poder chegar a uma avaliação sobre este autor e sua obra. Nesta sentido, a apresentação de Lacan em outras línguas, o esforço para expô-lo como um herói - apagando tanto o trabalho de seus antecessores quanto o dos seus companheiros, a apropriação feita por vários grupos (neste caso, foram lembrados o movimento de liberação feminista e o materialismo histórico liderado por Althusser) e por último a conhecida querela sobre a influência de Jacques-Alain Miller, foram algumas desses exemplos apontados por Macey e referendados pelo grupo como responsáveis pela descontextualização da obra lacaniana.

Em seguida, procurou-se encaminhar a discussão para o solo brasileiro, perguntando como se deu a entrada de Lacan no Brasil. Esta provocação, no entanto, não ecoou o suficiente no debate. Para a apresentadora, Lacan é visto como um herói solitário, tal como é expresso no seu famoso proferimento, quando da dissolução de sua Escola: “Tão sozinho quanto comecei”.

A discussão prosseguiu, conduzindo-se em direção à formulação do conceito lacaniano de forclusão e inevitavelmente para a diferença deste conceito com o conceito freudiano de rejeição. O debate enveredou-se

para a gênese do conceito de psicose em Lacan e Freud, tendo sido sugerido o livro de Richard, A Formação da Teoria Freudiana das Psicoses, como uma leitura importante para acompanhar este surgimento.